

ARTIGO

**DOSSIÊ QUESTÕES RACIAIS, EM INTERSECÇÃO, COMO AGENTES DE
TRANSFORMAÇÃO NO CAMPO DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM**

LETRAMENTOS NEGROS: O CORPO COMO SABER

Black literacies: the body as knowing

Alfabetizaciones negras: el cuerpo como saber

Henrique Freitas ¹
(UFBA)

Recebido em: junho de 2022
Aceito em: setembro de 2022
DOI: 10.26512/les.v23i2.43499

¹ José Henrique de Freitas Santos é Professor Associado do ILUFBA. Doutor em Letras por esta mesma instituição fez pós-doutorado em estudos literários na Obafemi Awolowo University (Ile-Ife, Nigéria). Coordena o grupo de pesquisa YORUBANTU, bem como os cursos de línguas africanas do NUPEL/UFBA, junto com outros docentes. Publicou *O arco e a arkhé: ensaios sobre literatura e cultura* (Ogums Toques, 2016) e organizou com Simone Assumpção a obra *Redes de aprendizagem entre a escola e a universidade* (EDUFBA, 2019). henriquefreitas@ufba.br.

RESUMO

Neste trabalho aborda-se os letramentos negros no Brasil, como usos sociais críticos da leitura e da escrita em contextos de agências de letramentos afro-brasileiros (casas de candomblé, movimento hip hop, agremiações do samba, jongo, congado, comunidades quilombolas, periferias, dentre outros), considerando ainda a genealogia dos letramentos africanos, o seu caráter antirracista e seus traços multissemióticos e multimodais a partir das cores, imagens, gestos, grafismos, sons que os constituem. Desde um processo metodológico que compreende a revisão bibliográfica de textos que tratam das epistemologias africanas e negro-brasileiras, bem como da análise de variados exemplos, demonstra-se como os letramentos negros apontam para a vida social produtiva do corpo afro-brasileiro, dialogando ainda com a noção dos letramentos de reexistência de Ana Lúcia Silva Souza, com os valores civilizatórios discutidos por Azoilda Trindade, bem como com os conceitos de ancestralidade trazido por Eduardo Oliveira, pensamento nagô de Muniz Sodré, de epistemologia Bantu-kongo de Bunseki Fu-Kiau e Literatura-terreiro de Henrique Freitas.

Palavras-chave: *Letramentos negros. Corpo negro. Ancestralidade. Letramentos africanos. Literatura negra.*

ABSTRACT

This work proposes to think about black literacies in Brazil, as critical social uses of reading and writing in contexts of Afro-Brazilian literacy agencies (candomblé houses, hip hop movement, samba, jongo, congado, quilombola communities, peripheries, among others), also considering the genealogy of African literacies, their anti-racist character and their multisemiotic and multimodal traits from the colors, images, gestures, graphics, sounds that constitute them. From a methodological process that comprises the bibliographic review of texts that deal with African and Black-Brazilian epistemologies, as well as the analysis of various examples, it is demonstrated how black literacies point to the productive social life of the Afro-Brazilian body, still dialoguing with Ana Lúcia Silva Souza's notion of re-existence literacies, with the civilizational values discussed by Azoilda Trindade, as well as with the concepts of ancestry brought by Eduardo Oliveira, Nagô thought by Muniz Sodré, Bantu-kongo epistemology by Bunseki Fu-Kiau and Literature-terreiro by Henrique Freitas.

Keywords: *Black literacies. Black Body. Ancestry. African literacies. Black literature.*

RESUMEN

Este trabajo propone pensar las alfabetizaciones negras en Brasil, como usos sociales críticos de la lectura y la escritura en contextos de agencias de alfabetización afrobrasileñas (casas de candomblé, movimiento hip hop, samba, jongo, congado, comunidades quilombolas, periferias, entre otras), considerando también la genealogía de las alfabetizaciones africanas, su carácter antirracista y sus rasgos multissemióticos y multimodales a partir de los colores, imágenes, gestos, gráficos, sonidos que las constituyen. A partir de un proceso metodológico que comprende la revisión bibliográfica de textos que tratan de las epistemologías africana y negro-brasileña, así como el análisis de varios ejemplos, se demuestra cómo las alfabetizaciones negras apuntan a la vida social productiva del cuerpo afrobrasileño, todavía dialogando con la noción de alfabetizaciones de reexistencia de Ana Lúcia Silva Souza, con los valores civilizatorios discutidos por Azoilda Trindade, así como con los conceptos de ancestría traídos por Eduardo Oliveira, el pensamiento Nagô de Muniz Sodré, la epistemología bantú-kongo de Bunseki Fu-Kiau y Literatura-terreiro de Henrique Freitas.

Palabras clave: *Letras negras. Cuerpo negro. Ascendencia. Alfabetizaciones africanas. Literatura negra.*

1. O CORPO COMO PRINCÍPIO: PENSO, LOGO GINGO.

Na prática, a teoria é outra.
(Pichação)

A capoeira usa a espacialidade-corpo dos sete movimentos possíveis (para a direita, para a esquerda, para frente, para trás, para cima, para baixo e para o interior de si) para apontar um saber

africano, bem como negro-brasileiro que não é racionalidade cartesiana, não se perfaz de forma solitária e não se situa apenas na cabeça como signo do pensamento.

A capoeira exige pensar desde e com o corpo inteiro (OLIVEIRA, 2007) figurando como um dos vetores do que Muniz Sodré define como *pensar nagô* (SODRÉ, 2017), e está presente nos letramentos negros de que trataremos aqui neste artigo, como produto do desvio, da mandinga, do corpo relacional que evoca uma inteireza ubuntuíscas que não está contida em si, mas no conhecimento interminável produzido no jogo com o outro. Isso se dá na complexidade da disputa instaurada em uma sociedade perversa que se estrutura em torno do cativo no Brasil-Colônia e, posteriormente, do racismo e da necropolítica, como gatilhos oficiais do Estado desde a formação da nação brasileira no séc. XIX. Isso está expresso na promulgação das Leis de Terras, da Vadiagem, dentre outras, bem como na criação de instituições como a polícia que tem contribuído desde a sua gênese com sua atuação para o que Abdias do Nascimento (2016) décadas atrás e coletivos ainda nos dias de hoje como as *Mães de Maio* e o *Reaja ou será morto* denunciam como genocídio da população negra. Não é à toa que a capoeira é uma importante agência dos letramentos negros, mas não só ela, pois eles ligam-se genealógicamente de forma ética e estética a toda uma produção gnosiológica africana aquilombada durante séculos de escravização e reatividade negra.

Apesar da obviedade de que os povos que para cá foram sequestrados no período colonial trouxeram línguas, saberes nas mais diversas áreas e disseminaram seus letramentos calcados na oralitura e na multimodalidade, impactando de forma determinante a língua portuguesa no Brasil, a educação informal e a própria construção da nação, a abordagem acadêmica dos campos científicos sobre o legado desses povos, sobretudo no âmbito da linguística e das letras, ainda se reduz muitas vezes a um retrato passivo e subalterno centrado na exclusividade da imagem da expropriação da força laboral e da demarcação, no máximo, de influências africanas tênues aqui e ali, diluindo ou apagando a centralidade desses processos ou ainda enfocando uma celebração identitária que sequer desloca estereótipos.

Penso, logo gingo. Por isso, agora é o momento de *esquivar* e, antes de trazer uma proposta de (in)definições dos letramentos negros no Brasil, discutindo seus traços, falando um pouco também de suas agências, é preciso seguir a rotação anti-horária da roda de capoeira que emula o tempo bantu para tratar de alguns letramentos africanos.

2. LETRAMENTOS AFRICANOS: VIVER É JOGAR, CAMARÁ!

Sinfree Makoni e Ulrike Hanna Meinhof, em *Linguística Aplicada na África: Desconstruindo a Noção de Língua* (2006), refutam de forma contundente o conceito de “língua”

elaborado pelos linguistas e missionários cristãos, ao se referirem ao continente africano, com base na noção de “idioma nacional”, ou seja, como mímica de um projeto de Estado-nação moderno durante a época colonial europeia. A percepção e a relação com a língua, mas sobretudo os processos de letramentos dentro das mais diversas realidades em África instauram uma diferença epistemológica com a Europa.

Os povos africanos, mesmo no caso daqueles oriundos de culturas com fortes traços orais, lidam com as mais diversas formas de *escrita* nos seus letramentos cotidianos, no entanto, muitas vezes, elas não são reconhecidas e validadas como tal pelo Ocidente, justamente porque diferem da escrita alfabética objeto do fetiche grafocêntrico e já assumem em sua gênese uma disposição multimodal (KRESS; LEUWEEN, 2001) na co-ocorrência de semioses distintas que em conjunto produzem sentidos (cores, traços, movimentos, palavras, símbolos, dentre outros). Além disso, mobilizam em sua pulsão inter/transdisciplinar e performance diversos campos de saber, muitas vezes sob o formato proverbial, já que esta é uma das principais plataformas epistemológicas presentes em África.

Kimbwandende Kia Bunseki Fu-Kiau, de acordo com Tiganá Santana², afirma que o provérbio se constitui para os africanos como um tipo especial de linguagem, além de ser uma das mais importantes fontes que melhor explicam o *muntu* (ser, homem) africano e seu pensamento. O provérbio, para os bantu-kongo, liga-se, assim, aos ancestrais e a depender da situação de sua enunciação tem, ao mesmo tempo, um estatuto legal, teórico, filosófico, social ou mesmo jurídico (SANTANA, 2019).

Os letramentos africanos conformam-se, dentre outros vetores aqui indicados, em disposições semióticas diversas, enunciando também escritas não alfabéticas como as exemplificadas a seguir que possuem uma forte conexão com a cultura brasileira e os letramentos negros, a partir da herança epistemológica que elas legam e são retrabalhadas em nossa experiência cotidiana:

- Os provérbios pictóricos adinkras dos povos akan (situados no Togo, Costa do Marfim e Gana) são textos verbo-visuais derivados de uma escrita pictórica ligados à preservação e transmissão de valores ancestrais coletivos. Os adinkras têm uma pregnância muito grande na diáspora negra e, sobretudo, no Brasil, servindo de mecanismo educacional, a partir dos letramentos multimodais que mobilizam, como consta, por exemplo, no projeto “Coleção

² Cf. em SANTOS, Tiganá Santana Neves. *A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau*: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade de São Paulo, 2019. Tese de Doutorado inédita. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5676289/mod_resource/content/1/2019_TiganaSantanaNevesSantos_VCorr.pdf Acesso em: 21/02/2022 às 20:00.

Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar” da Ação Educativa. Esta intervenção mobiliza exatamente a dimensão multissemiótica dos letramentos adinkras para a proposição de atividades, a partir de cards que foram confeccionados com alguns dos sentidos de cada signo dessa escrita proverbial pictórica dos povos akan selecionado para a ação. O exemplo a seguir que consta nesse projeto é do adinkra mais conhecido no Brasil, Sankofa, disseminado em nomes de projetos, instituições e em uma infinidade de tatuagens, fenômeno que também veremos que ocorreu com outros exemplos desses letramentos africanos que retornam agora no suporte plurissignificante da pele. No caso do adinkra Sankofa, que contém um pássaro com a cabeça virada para trás enquanto seu corpo projeta-se para a frente, seu significado mais conhecido é “aprender com o passado para transformar o presente e avançar no futuro”, como indica o texto no card do projeto da Ação Educativa, exposto a seguir:



Figura 1 – Sankofa

Fonte: Internet

Disponível em: <https://relacoesraciais.acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2020/12/adinkra15.png>

Acesso em: 21 de fevereiro de 2022

- As escritas visuais geométricas sona foram realizadas originalmente de forma regular na areia pelos povos Còkwe em África até a primeira metade do século passado (como ocorreu com os povos cabinda que apontaremos na sequência, só os sentidos de algumas dessas escritas permaneceram com mais vigor na atualidade). Hoje, entretanto, elas são estudadas no Brasil a partir dos princípios de letramento matemático ligados mais especificamente ao campo da Etnomatemática que se baseiam em pesquisas as quais são referência sobre essa discussão, como as promovidas por décadas por Paulus Gerdes³, as quais nos permitem entrever como

³ GERDES, Paulus. Geometria Sona de Angola: matemática duma tradição africana. Morrisville, NC: Lulu Enterprises, 2008.

os “escritos” sona fazem convergir saberes literários, matemáticos, biológicos, históricos, dentre outros, todos alinhavados também pela ética de uma coletividade e ancestralidade:

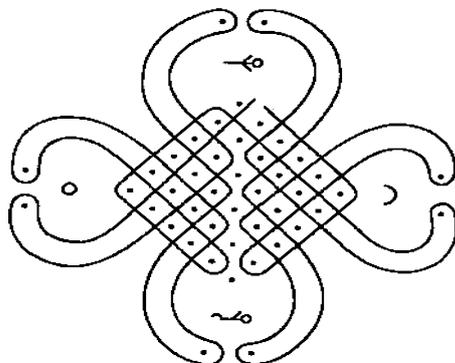


Figura 2 – Caminho para Deus

Fonte: Internet

Disponível em: <https://www.matematicaefacil.com.br/2016/08/matematica-continente-africano-sona-desenhos-matematicos-areia.html>

Acesso em: 21 de fevereiro de 2022

A figura 2 é a escrita sona intitulada *Caminho para Deus*. A imagem que está na parte superior da escrita sona é Deus, à sua esquerda situa-se o Sol, à sua direita está a Lua e embaixo localiza-se o Ser Humano. Além dos princípios geométricos matemáticos nele presentes desde a confecção na areia com a marcação específica na terra usando as duas mãos, essa escrita sona traz também uma narrativa presentificada nela: mostra Deus presenteando o sol, a lua e o homem cada um deles com um galo. Enquanto o sol e a lua não comem seus respectivos galos quando cada um deles vai ao encontro de Deus, Deus presenteia o sol dizendo para ele regressar à sua casa divina no céu todos os dias, reaparecendo assim todas as manhãs e dizendo também à lua que ela deveria regressar a cada 28 dias, perfazendo assim o ciclo lunar, o homem, no entanto, teve um destino diferente: como sentiu muita fome, antes de chegar à casa de Deus comeu o galo e, ao ser indagado pelo ser supremo sobre o fato de ele não ter ouvido o galo cantar naquele dia, o homem admitiu o que fez e Deus então disse que, ao contrário do sol e da lua que preservaram o galo e foram presenteados por ele com o próprio galo e a infinitude, o homem também morreria tal qual aconteceu com o bicho, usufruindo, assim, de um só ciclo vital, passando desde aquele momento a estar suscetível à morte, mas Deus disse que quando ele morresse também regressaria à sua casa divina no céu.

Além de ser estudada no Brasil na Etnomatemática, assim como aconteceu com os adinkras, mas nesse caso com um alcance um pouco menor, as escritas sona também se disseminam hoje no suporte da pele, sob a forma de tatuagens. Assim, as escritas sona vão da efemeridade do suporte da

areia que confere outros sentidos como o da própria fugacidade da vida para a perenidade da pele e dos registros visuais no formato de desenhos em livros.

- O Odu Ifá é a escrita binária iorubá dentro de um sistema hexadecimal que, para além de seu uso religioso e divinatório no culto à divindade Òrúnmilá, intelectuais nigerianos como Sophie Oluwole e Olu Longe, autor da obra *Ifá divination and computer Science* (1983), apontam ser a matriz epistêmica literal usada para se criar a ciência da computação. O corpus dos odu Ifá é constituído de 16 signos principais intitulados *Oju Odu*. O odu é um signo representado por duas fileiras de quatro posições que no caso dos odus principais são geminadas daí, quando se combinam, 16 X 16, culminam no total de 256 odus. Em torno de cada um desses odu gravitam saberes literários, fitoterápicos, medicinais, filosóficos, históricos, dentre outros, que são mobilizados por aqueles que imergem nessas práticas de letramento comunitário e vai incorporando durante toda a vida um repertório e instrumentos que permitem ler cada vez mais e melhor, de forma plurissignificante esses signos. O conjunto multimodal dos Odu Ifá e todo o seu corpus disperso na oralitura das tradições culturais, religiosas e de produção de saberes africanos e afrodiáspóricos é considerado por autores como Wande Abimbola (1973) como o principal compêndio da oralitura do povo iorubá.

I I	II II	II II	I I
I I	II II	I I	II II
I I	II II	I I	II II
I I	II II	II II	I I
Eji-Ogbe	Oyeku Meji	Iwori Meji	Odi Meji
I I	II II	I I	II II
I I	II II	II II	II II
II II	I I	II II	II II
II II	I I	II II	I I
Irusun Meji	Owourin Meji	Obara Meji	Okauran Meji
I I	II II	II II	II II
I I	I I	I I	II II
I I	I I	II II	I I
II II	I I	II II	II II
Ogunda Meji	Osa Meji	Ika Meji	Oturupon Meji
I I	I I	I I	II II
II II	I I	II II	I I
I I	II II	I I	II II
I I	I I	II II	I I
Otura Meji	Irete Meji	Ose Meji	Ofun Meji

Figura 3 – 16 Odus principais

Fonte: Internet

Disponível em: <https://ayekekumari.com/ifayeke-blog/the-16-mother-odus-as-universal-ifa/>

Acesso em: 21 de fevereiro de 2022

Vale salientar que esse sistema de letramento está presente integralmente no culto a Òrúnmilá e aparece em parte nas religiões afro-brasileiras. Os iniciados no culto a Òrúnmilá, como é

o meu caso, ganham também um nome dentro desse sistema de letramento africano multimodal e a leitura dos signos grafados deve ser feita sempre da direita para a esquerda:

I	II
II	I
II	II
I	I

Figura 4 – Ofundi

Exemplo do nome que me foi dado no sistema dos Odu Ifá

Fonte: autor

- Há muitos outros exemplos, mas gostaria, por fim, nesta seção sobre os letramentos africanos, de abordar os provérbios escultóricos em tampas de panela de barro feitos pelos povos cabinda no século passado, estudados há anos pelo escritor e pesquisador angolano Abreu Paxe e pelo professor brasileiro César Vitorino que inventariou e analisou nesse acervo dos cabinda ditos proverbiais que nos são muito familiares no Brasil: “Cada um é como Deus o fez”; “Quem te avisa, teu amigo é”, “Quem cala, consente”, “Mais vale pouco do que nada” (VITORINO, 2020).



Figura 5 – Exposição Permanente “Matéria da Fala; Tampas de Panela com Provérbios” do Museu Nacional de Etnologia (Lisboa)

Fonte: Internet

Disponível em: https://mnetnologia.wordpress.com/exposicao_permanente/5-exposicao-permanente-materia-da-fala-tampas-de-panela-com-proverbios/

Acesso em: 21 de fevereiro de 2022

Felix Ayoh’Omidire (2005) adverte também acerca da relevância dos provérbios como expressão literária que ocupa um papel central nos campos de conhecimento e sociais iorubanos,

cumprindo a função de uma espécie de repositório epistemológico ao qual os iorubás sempre recorrem. A divindade oracular Òrúnmilá, que já foi citada aqui, é, inclusive, reverenciada em um provérbio como aquele que através da consulta divinatória a Ifá sabe todas as coisas, logo é o senhor também de todo o saber contido nos provérbios: “Òrúnmilá afèdefèyò, Èlààsode”, isto é, “Òrúnmilá, dono do provérbio, aquele que guarda o Universo” (SANTOS, 2007). Talvez justamente pela ausência dessa compreensão aqui no Brasil, Mãe Stella de Oxóssi, sacerdotisa do Ilê Axé Opô Afonjá, falecida há pouco tempo, não apenas publicou sob o formato impresso dois mini-livros de provérbios, *Òwe* (2007) e *Abrindo a Arca* (2014), mas, sobretudo, entendendo que o espaço do terreiro é onde se compreende a complexidade dessa forma literária e desse vetor de produção do conhecimento, ela também escreveu alguns textos na condição de articulista do Jornal *A tarde*, compilados depois em livro, em que oferece-nos um lastro teórico para compreender melhor o provérbio:

No Candomblé, a vivência mítica das divindades é cantada e contada através do que é chamado de Corpo das Tradições Orais, do qual os provérbios, ówe na língua yorubá, fazem parte

As características dos ditados populares fazem deles excelentes instrumentos de trabalho educacional. São características como: Brevidade – frases curtas que facilitam o registro e memorização da verdade embutida neles; Agudeza – fazem uma crítica da vida, usando uma dose de ironia, que facilita a reflexão sobre o tema criticado; Fontes de Prazer – os provérbios produzem prazer, não só pela agudeza, mas também por possibilitar o registro e fixação de uma sábia mensagem, tendo a energia mental economizada (SANTOS, 2012).

O quadro apresentado deve nos levar a desconfiar que uma boa parte do repertório e operadores teóricos para a realização de uma abordagem devida aos letramentos africanos precisa compreender a movência multissemiótica e multimodal de sua natureza. Essa, inclusive, é um dos principais legados que será retrabalhado na constituição do que estamos nos propondo a discutir como letramentos negros.

3. LETRAMENTOS NEGROS: NEGATIVA E (IN)DEFINIÇÕES

Problema com escola eu tenho mil, mil fita
Inacreditável, mas seu filho me imita
No meio de vocês ele é o mais esperto
Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto.
(RACIONAIS MCs, *Negrodrama*)

A negativa é uma posição de transição na capoeira, marcada pelo estudo do adversário para o início de um movimento de ataque ou defesa, por isso ela possibilita a partir de si muitos outros

movimentos, sendo utilizada também para esquivar-se de ataques: sua plástica física traduz-se na flexão sobre uma perna com a outra dobrada para trás com o glúteo apoiado no calcanhar.

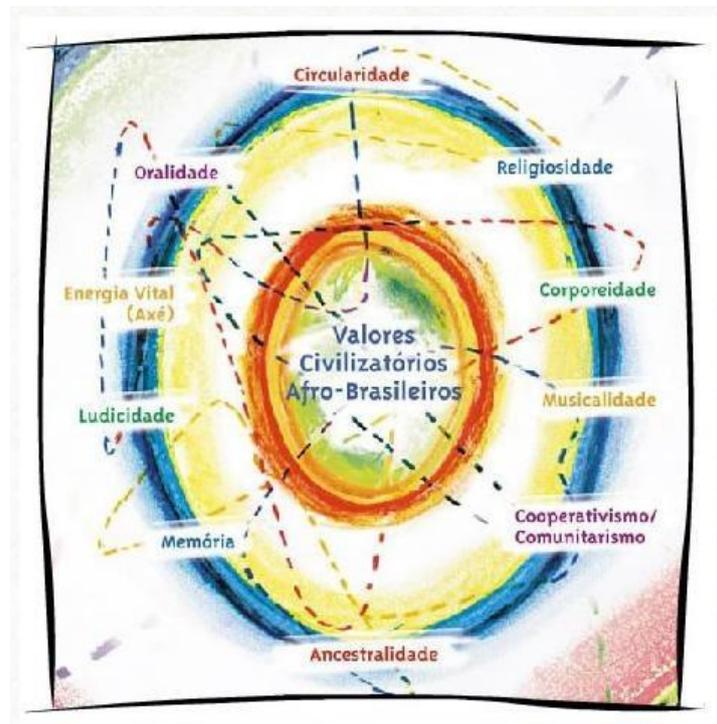
As (in)definições que serão trazidas aqui do que venho trabalhando há mais de uma década como letramentos negros se posicionam como na negativa da capoeira, pois se incontornavelmente os usos sociais da leitura e da escrita no contexto das agências de letramentos negros multimodais e multissemióticos se dão do ponto de partida do antirracismo, portanto esquiva-se dele e o ataca com toda a força, alicerçado também nos valores civilizatórios afro-brasileiros, no jogo relacional com a alteridade, conecta-se com a herança das experiências dos letramentos africanos, com a estética da literatura negra, com a experiência coletiva do ubuntu, pois jamais pode ser individual, assim como é preciso do outro para constituir a roda e ser no jogo, bem como com a ancestralidade como potência epistemológica que nos permite acessar o saber com o corpo.

Os letramentos negros dispensam a acepção do termo “críticos”, pois não há a possibilidade de que não o sejam, a partir da perspectiva que temos trabalhado desde quando começamos a utilizar este conceito. Eles também se desenvolvem e se fortalecem na relação com o outro nas agências negras em que se forjam sendo impossível pensá-los a partir de uma dimensão individual: o indivíduo no sentido ocidental não existe para algumas culturas africanas, como discutem José Castiano (2015) e Mogobe Ramose (2002) ao apresentarem o fundamento filosófico e ético do ubuntu em seus respectivos trabalhos: eu só posso ser na relação com o outro que constituo e me constitui na capoeira do jogo social que implica nossos corpos. Nesse sentido “eu sou porque você é, nós somos porque vocês são”, mas isso significa também que não existe sucesso nem falha em última instância que seja particular, pois todos são igualmente responsáveis por ambos os processos. É o que intelectuais indígenas como Ailton Krenak também vêm discutindo a partir e sobre as culturas indígenas e Kopenawa em *A Queda do céu* também já apontava.

Os letramentos negros conectam-se com a pulsão exuística, no sentido de que movem-se na encruzilhada e priorizam o dinamismo do movimento, dos *letramentos de reexistência* (2009) de Ana Lúcia Silva Souza, bem como com os *letramentos biopolíticos* ao apontar para a vida em meio à disposição necropolítica de extermínio dos corpos negros que cartografias como o Mapa da violência tem flagrado um aumento exponencial no últimos anos.

Os letramentos negros fundamentam-se ainda no que Azoilda Trindade forjou junto ao projeto *A Cor da Cultura* como “valores civilizatórios afro-brasileiros”, a partir de uma circularidade inspirada no cosmograma bakongo que traduz o tempo-espaço espiralar e a roda bantu onde os saberes são produzidos:

Figura 6 – Valores civilizatórios afro-brasileiros – autora: Azoilda Trindade



Fonte: Internet

Disponível em: <http://bibliotecadacapoeira.blogspot.com/2011/06/valores-civilizatorios-afrobrasileiros.html>

Acesso em: 21 de fevereiro de 2022

- *Ancestralidade, memória e oralidade* — a *ancestralidade* relaciona-se de imediato com outro valor que é a *memória* e esta não diz respeito apenas a um retorno ao passado, mas à possibilidade de reelaboração das experiências vividas a partir do presente (o princípio da ancestralidade vincula o homem a uma rede que o ultrapassa, já que mesmo os mortos se ligam à sua existência, a partir do respeito e do culto a essa memória que vai se tecendo em reverência aos *mais velhos* — símbolos do saber). A oralidade figura como potência de transmissão dos saberes e de atribuição de vida às coisas pela palavra, pela narrativa.
- *Circularidade* — é expressa nas *rodas de conversa* que funcionam diferencialmente como *modus operandi* nos espaços sociais, porque se organizam a partir de um saber que se assume racializado, por meio de uma movência circular que remonta à cosmogonia africana, à pedagogia dos *griots*, às rodas de capoeira, às batalhas de *break dance* (disputas de dança que são realizados círculos nos quais, em pares, os performers vão se desafiando) e mesmo aos xirês (rodas de candomblé), todos como agência de elementos negros, apresentando-se, sobretudo, não só como método singular para a leitura/escrita, mas também já como texto. Elas priorizam uma dinâmica *lúdica*, de coparticipação e envolvimento de todos os presentes no círculo. Essa circularidade vincula-se também a outro valor

civilizatório, que é o *cooperativismo* (o espírito coletivo, de atuação colaborativa em comunidade), evocativa do princípio do Ubuntuísmo⁴. Estar em círculo é uma provocação para colaborar, pois promover apenas a disposição espacial em roda não ativa os princípios que discutimos aqui.

- *Corporeidade* — para Eduardo Oliveira (2007), a educação, os letramentos negros e a literatura negra devem ser realizadas desde o corpo, pois o corpo registra a memória de formas diversas, proporcionando aprendizagens mais complexas que a fixação de informações, daí o canto, a dança, a escrita, a fala possuem uma relevância na perspectiva tratada aqui. Esse valor atrela-se ainda a outros dois, que são a *ludicidade*, isto é, a consideração dos jogos no processo educativo e mesmo de produção literária, e a *musicalidade*, através dos rit(m)os que formam e narram o corpo negro positivamente através dos sons e gêneros musicais.
- *Religiosidade e energia vital* – mais que religião, a *religiosidade* aqui está conectada com outro valor civilizatório, que é o *axé*, ou seja, a *energia vital*: vontade de viver e aprender sem barreiras. A religiosidade diz respeito à forma como nos integramos ao Outro.

A compreensão dos valores civilizatórios afro-brasileiros nos auxilia na tarefa de entendermos melhor como operam os letramentos negros e o que se constitui como a sua força motriz: em síntese, sem corpo, sem ética de corresponsabilidade coletiva, sem ancestralidade e sem uma forte noção estética multimodal esses letramentos e a própria literatura negra não se realizam.

A RODA NÃO TEM FIM, NEM COMEÇO

As escolas e grupos de samba, os blocos-afro, as casas de candomblé, os grupos de capoeira, o movimento hip-hop, os coletivos negros, o jongo, o congado, as organizações comunitárias quilombolas, dentre outras, são potentes agências de letramentos negros que vêm produzindo uma resistência e reexistência histórica, a partir da formação contínua que têm mobilizado, a partir de usos sociais muito específicos da leitura e da escrita. Como explicar que territórios como o *Cacique de Ramos* no Rio de Janeiro tenha formado tantos músicos, sambistas, compositores de primeira grandeza que integram o panteão nacional do gênero? Como entender a articulação didático-pedagógica dos blocos afro-baianos para forjar uma cena de amplitude extrema que mudou os exercícios de ver a cidade e os corpos negros? Como o hip hop como uma das maiores agências de letramentos negros no país ao lado do samba tem formado dia após dia nas últimas décadas gerações

⁴ De acordo com o filósofo José P. Castiano (2015), ao analisar a filosofia da sagacidade de Alberto Viegas, o Ubuntu é uma Filosofia que tem seu ponto de partida na ética: “eu sou porque você é e nós somos porque vocês são” – o caráter coletivo de seu princípio deve originar um discurso de natureza filosófica que abranja outras áreas da filosofia: a epistemologia, neste caso, deve fazer mesmo a ciência com base em valores comunitários.

da juventude negra, projetando expoentes muitas vezes pouco escolarizados em relação à educação formal, mas exímios autorxs de livros e letristas formidáveis? Que tecnologias sociais e de letramentos o jongo, o congado, as redes quilombolas, as casas de candomblé têm fomentado não só para sobreviver, mas formar suas respectivas comunidades suprindo muitas vezes o espaço que seria ocupado pela educação formal?

A potência dos letramentos negros atravessam esses territórios, mas também ligam-se à presença polimorfa das línguas africanas no território sagrado afro-brasileiro (yorùbá, kimbundu, kikongo, fon, dentre outras), bem como na capoeira e em outros lugares, além desses idiomas africanizarem de tal forma o português brasileiro (CASTRO, 2001) que o pretuguês teorizado décadas atrás por Lélia Gonzalez, foi tomado de forma irreversível como língua literária oficial pelos rappers, mas antes, lá atrás já por Lima Barreto, Carolina de Jesus e agora por escritoras também notáveis como Conceição Evaristo.

Os letramentos negros nessa tessitura escreviente teorizada pela própria Evaristo, convoca o corpo a saber por inteiro na reversão da máxima cartesiana *cogito, ergo sum* (penso, logo sou – existo), agora na roda bantu girando em sentido anti-horário, no jogo da capoeira angola, sem começo nem fim: *penso, logo gingo*.

REFERÊNCIAS:

ABIMBOLA, Wande. **Sixteen Great Poems of Ifa**. UNESCO, 1973.

AYOH'OMIDIRE, Felix. **Yorubaianidade mundializada**: o reinado da oralitura em textos yorubá-nigerianos e afro-baianos contemporâneos. Tese inédita defendida no PPGL/UFBA em 2005.

CASTIANO, José P. **Filosofia Africana**: da sagacidade à intersubjetivação. Maputo: Editora Educar, 2015.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks Editora, 2001

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREITAS, Henrique. **O Arco e a Arkhé**: ensaios sobre literatura e cultura. Salvador: Ogums Toques Negros, 2016.

LEEUWEN, Theodoor Jacob Van; KRESS, Gunther. **Multimodal Discourse**: The Modes and Media of Contemporary Communication Bloomsbury Publishing PLC, 2001.

LONGE, Olu. **Ifa Divination and Computer Science**. Inaugural Lecture, University of Ibadan, Nigeria, 1983.

MAKONI, S.; MEINHOF, U. Linguística Aplicada na África: desconstruindo a noção de língua. In: MOITA LOPES, L. P. (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 191-213.

MARTINS, Leda Maria. Performances do Tempo Espiral. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia. **Performance, Exílio, Fronteiras**: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MUDIMBE, Yves V. **A invenção da África** – Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento. Mangualde: Ed. Pedago, 2013.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade**: corpo de mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Ed. Gráfica Popular, 2007.

ÒSÓSI, Mãe Stella de. **Abrindo a Arca**. Sociedade Cruz Santa do Opô Afonjá, 2014.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Blue Note**: entrevista imaginada. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

RAMOSE, Mogobe B. **A ética do ubuntu**. Tradução para uso didático: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Opinião**. Iyalorixá do Ilê Axé Opô. Afonjá. Um presente de A Tarde para a História. Salvador, 2012.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Òwe**. África: provérbios, Brasil. Salvador: Sociedade Cruz Santa do Opô Afonjá, 2007.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra**, reflexões e diálogos a partir do Brasil. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade de São Paulo, 2019. Tese de Doutorado inédita.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SOUZA, A.L.S. **Letramentos de Reexistência**: culturas e identidades no movimento hiphop. 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

TRINDADE, Azoinda Loretta da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil**. <http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/Valores%20civilizat%C3%B3rios%20afro-brasileiros%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20-%20Azoilda%20Trindade.pdf> . Acessado em 21/02/2022 às 19:00.

VITORINO, César Costa. **Provérbios africanos em tampas de painéis de barro e o olhar linguístico**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.